



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.36.93.AO04>

Sentidos de envelhecimento e motivos para a procura da Universidade Aberta para a Terceira Idade

Meanings of aging and reasons to search a Third Age Open University

Sentidos do envelhecimento na UATI

Flávia Yamasaki ^[a],

^[a] Mestre em Psicologia. Universidade Tuiuti do Paraná
Email: flaviayamasaki@hotmail.com

Ana Claudia Nunes de Souza Wanderbroocke^[b],

^[b] Docente do Mestrado em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná

Giselle Massi ^[c],

^[c] Docente do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação da Universidade Tuiuti do Paraná

Rosanna Rita Silva^[d],

^[d] Aluna do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação da Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

Este estudo se propôs a compreender os sentidos de envelhecimento e expectativas em relação a um projeto universitário aberto para idosos. Participaram 10 idosos inscritos no ano de 2016, com idades entre 62 a 74 anos. Os dados foram coletados com entrevistas semiestruturadas e analisados quanto as práticas discursivas. As três categorias: sentidos do envelhecimento, motivos da procura e expectativas quanto ao projeto foram discutidas de forma a dialogar com as literaturas da área da saúde e gerontologia, sob a perspectiva construcionista social. Os dados indicaram para os sentidos associados a perdas e ganhos no processo de envelhecimento, busca por interação, atualização de conhecimentos, ocupação do tempo livre e cuidar de si próprio. As

expectativas eram de aprender mais, que não fosse necessário submeter-se à avaliação, de entreter-se com atividades interessantes e fazer novos amigos. Discute-se a necessidade de os programas serem orientados para o crescimento pessoal, sociabilidade, estímulo da autoestima e cidadania. As metodologias precisam ser participativas, estimuladoras de trocas interpessoais que facilitem a intersubjetividade e a construção de novos sentidos para o envelhecimento, contemplando a participação dos idosos na sociedade de acordo com suas necessidades, capacidades e desejos.

Palavras-chave: idoso, envelhecimento, universidades abertas, construcionismo social.

Abstract

This study aimed to understand the meanings of aging and expectations related to an open university project for the elderly. Participated 10 elderly people enrolled in the year 2016, aged between 62 and 74 years. Data were collected with semi-structured interviews and analyzed as discursive practices. Three categories: meanings of aging, reasons to search and expectations about the project, were discussed in order to dialogue with the literatures of health and gerontology area, under the social constructionist perspective. Data indicated meanings associated with losses and gains in the aging process, that they were seeking interaction, updating of knowledge, occupation of free time and caring for themselves. The expectations were to learn more, not to undergo evaluation, to entertain with interesting activities and make new friendships. It is discussed the need programs be oriented towards personal growth, sociability, self-esteem and citizenship. The methodologies need to be participatory, stimulating interpersonal exchanges that facilitate intersubjectivity and the construction of new meanings for aging, contemplating the participation of the elderly in society according to their needs, abilities and desires.

Key words: aged, aging, open universities, social constructionism.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo comprender los sentidos del envejecimiento y las expectativas con respecto a un proyecto universitario abierto para personas mayores. Participaron diez personas mayores inscritas en 2016, de 62 a 74 años. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas y analizados para prácticas discursivas. Se discutieron las tres categorías: los sentidos del envejecimiento, los motivos de la demanda y las expectativas con respecto al proyecto para dialogar con la literatura de salud y gerontología, desde la perspectiva social construccinista. Los datos indicados para los significados asociados con pérdidas y ganancias en el proceso de envejecimiento, búsqueda de interacción, actualización de conocimientos, ocupación del tiempo libre y cuidado de uno mismo. Las expectativas eran aprender más, no tener que someterse a la evaluación, entretenerse con actividades interesantes y hacer nuevos amigos. Se discute la necesidad de enfocarse en programas para el crecimiento personal, la sociabilidad, la estimulación de la autoestima y la ciudadanía. Las metodologías deben ser participativas, estimulando intercambios interpersonales que faciliten la intersubjetividad y la construcción de nuevos significados para el envejecimiento, contemplando la participación de las personas mayores en la sociedad de acuerdo con sus necesidades, capacidades y deseos.

Palabras clave: ancianos, envejecimiento, universidades abiertas, construccinismo social.

Os significados e sentidos conferidos ao envelhecimento resultam das trocas linguísticas produzidas nas interações humanas em distintos contextos sociais e históricos. Dessa maneira, envelhecer não é fato estanque ou único, assume diferentes roupagens, seja para as sociedades ou para quem envelhece. Esse entendimento do

processo de envelhecer parte da adoção da perspectiva construcionista social, adotada neste estudo, que compreende que por meio das interações humanas e pelo uso da linguagem, se dá a constante negociação dos significados e sentidos aos fatos e experiências vividos e assim, a construção de realidades (Gergen, 2017). Da mesma forma, essa perspectiva distancia-se de uma concepção essencialista de *self*, compreendendo-o como relacional e em contínuo processo de transformação, de acordo com os sentidos produzidos nas interações sociais, pois nessas situações há o tensionamento de diferentes vozes de atores sociais e discursos institucionalizados, que conferem influências micro e macrosociais. Apesar desse processo constante de trocas, entende-se que a estabilidade do *self* se dá por meio de uma construção narrativa, resultante da forma de interligar os eventos (Gergen & Gergen, 2010).

No entendimento de que o *self* é constantemente construído por meio da linguagem na relação da pessoa com o contexto social em que está inserida, cabe lembrar momentos históricos distintos e a posição conferida às pessoas mais velhas em diferentes sociedades. Beauvoir (1990) descreve que nas sociedades antigas, consideradas tradicionais, a velhice estava associada a uma questão de poder, de honra e de sabedoria. Exemplifica a partir da polis grega, onde a autoridade era exercida por um conselho de anciãos e as decisões levavam em conta as experiências e sabedorias desses consultores. A autora cita também a sociedade chinesa antiga, que privilegiava a condição do velho, e por ser muito hierarquizada, regulamentava as relações entre superiores e inferiores. Nessa civilização, o homem mais idoso era o detentor da sabedoria, considerado a autoridade máxima e toda a família devia obediência a ele. Não havia contestação dessa prática, já que a cultura e os costumes preconizavam que a mulher devia obediência absoluta ao homem e os mais jovens aos mais velhos. Somente depois dos 70 anos os homens deixavam seus cargos oficiais para se prepararem para a morte, porém a autoridade do patriarca não diminuía, apesar de deixar o filho mais velho no comando da casa.

Em contrapartida, nas sociedades ocidentais contemporâneas, a compreensão da velhice como uma etapa diferenciada ocorreu após várias mudanças sociais e propagação do discurso científico que reorganizou o ciclo vital. A formação de novas especialidades médicas, como a geriatria, estudo das doenças que afetam os idosos, e a gerontologia, que estuda os processos biopsicossociais do envelhecimento, tem exercido grande influência

para os sentidos acerca do envelhecer e da velhice. Outro fator importante, foi a institucionalização da aposentadoria, criada para assegurar a disciplina e sobrevivência dos trabalhadores que já não estavam aptos para o trabalho, tendo em vista o processo de industrialização (Silva, 2008).

Sobre a aposentadoria, Moura e Souza (2012) afirmam que se trata de um marcador que transforma a vida na atualidade, uma vez que a pessoa passa a ter mais tempo livre, não encontra mais diariamente seus colegas de trabalho, aumenta seu tempo disponível para o relacionamento conjugal e/ou familiar e aumenta o contato com os afazeres domésticos. Dessa forma, nem sempre traz satisfação, uma vez que nas sociedades capitalistas está associada ao discurso da improdutividade, incapacidade e/ou sobrecarga para a sociedade. Além da aposentadoria, as autoras citam mais duas condições que ocorrem mais frequentemente a partir dos 50 anos: o esvaziamento da rede social sucedido pela saída dos filhos de casa e a viuvez. Estes eventos costumam ser enfatizados pelo discurso científico como motivos de solidão e distanciamento dos mais velhos, contribuindo para uma identidade etária associada à ociosidade e isolamento.

Em contrapartida, estudos mais recentes (Montovani, Lucca & Neri, 2016; Bruine de Bruin, Parker & Strough, 2016; Ergin & Mandiracioglu, 2015) vêm chamando a atenção para a possibilidade de a velhice ser associada à felicidade e vivida como uma etapa da vida com momentos de lazer, propício à realização dos objetivos que não foram possíveis durante a juventude, a criação de novos *hobbies*, habilidades e cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família. Silva (2008) destaca que essa mudança vem se concretizando mediante a generalização do discurso da gerontologia social e dos interesses da cultura de consumo. Nesse contexto, as necessidades psicológicas, sociais e culturais passaram a ser estimuladas, favorecendo o surgimento de espaços de convivência específicos para as pessoas idosas.

Exemplo desses espaços que vem ganhando cada vez mais adeptos são os programas Universidades Abertas para a Terceira Idade (UATI), que têm como objetivo principal inserir pessoas idosas em um processo de educação continuada visando a atualização de informações, desenvolvimento de novas habilidades e formação e ampliação de rede social, requisitos necessários para promover a adaptação a um tempo social de rápidas mudanças e valores (Oliveira, Scortegagna & Oliveira, 2015). Nesta mesma direção, pesquisas têm evidenciado que o acesso à educação pode ser um

instrumento fundamental para a promoção de saúde e autonomia das pessoas idosas (Nascimento, Juchem & Maduro, 2016; Janini, Vargas & Bessler, 2015).

A partir do reconhecimento das UATI como espaço importante para a socialização, este estudo se propôs a compreender as produções de sentido sobre o envelhecimento e os motivos para a procura de um projeto universitário aberto para idosos entre seus participantes. Parte-se do pressuposto de que a pesquisa e a produção de conhecimento são práticas sociais, pois a construção, reprodução e transformação do saber ocorrem por meio de processos intersubjetivos. Adotar a perspectiva construcionista social significa também valorizar o conhecimento produzido localmente e em um tempo histórico delimitado (Gergen & Gergen, 2010; Spink & Medrado, 2004). Sendo assim, entende-se que esta pesquisa pode contribuir para os envolvidos nas UATI quanto a estruturação das atividades oferecidas, tomando como base as necessidades do público alvo.

Método

Participantes

Participaram 10 inscritos em um projeto UATI no ano de 2016. Destes, nove eram mulheres e um homem, com idades entre 62 e 74 anos. Seis casados, três viúvos e um solteiro. Um havia concluído curso superior, dois possuíam nível técnico, cinco concluíram o ensino médio e dois o ensino fundamental. Oito moravam com companheiro (a) e/ou familiares e dois sozinhos. Nove participantes declararam estar aposentados e um exercia atividade profissional esporádica.

Local

A pesquisa foi realizada em uma universidade pública que desde 2012 oferece um projeto de extensão nos moldes das UATI. Todos os anos são abertas vagas para cerca de 100 alunos, distribuídos em duas turmas. O curso oferece cerca de 190 horas com atividades que abarcam diferentes temáticas, entre eles: informática, saúde física e emocional, protagonismo social, contação de histórias, expressão corporal, filosofia, empreendedorismo social, yoga, além de sessões de cinema e visitas a locais de interesse e passeios turísticos. As atividades são oportunizadas em dois semestres e os encontros realizados duas vezes por semana, nas dependências da instituição. Após o encerramento

das atividades anuais, há uma solenidade de formatura, com entrega dos certificados de participação.

Instrumento

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, baseada em um roteiro com questões envolvendo: o envelhecimento, motivos para a procura do projeto e expectativas quanto ao mesmo.

Procedimentos

Após obtido aprovação pela coordenadora do projeto e pelo Comitê de Ética da UFPR, sob CAAE número 45991515.3.3001.0102, o mesmo foi apresentado informalmente às pessoas inscritas nos intervalos das atividades e feito o convite para que fizessem parte da pesquisa. Com aqueles que demonstraram interesse, as entrevistas foram agendadas, em datas de sua conveniência, geralmente uma hora antes do início das atividades. As entrevistas aconteceram nas dependências dos *campi* onde estavam sendo realizados os encontros no período de março a maio de 2016. A pesquisa seguiu as recomendações éticas conforme recomendação da Resolução 466/12 (Brasil, 2012), entre elas a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes do início das entrevistas.

Análise dos dados

Os dados foram analisados quanto às práticas discursivas e produção de sentidos, que segundo Spink e Medrado (2004), buscam examinar as maneiras pelas quais as pessoas, por meio da linguagem, produzem sentidos e posicionam-se nas relações sociais cotidianas. Os sentidos, nessa perspectiva, são construções dialógicas uma vez que os seres humanos geram linguagem e entendimento em um processo relacional, contextual e dinâmico. A análise se orienta pelos enunciados orientados por falas e repertórios interpretativos que são as unidades de construção das práticas discursivas (o conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem) que possibilitam as diversas formas de construções discursivas.

A análise dos repertórios orientou a organização de três categorias: sentidos do envelhecimento, motivos da procura e expectativas quanto ao projeto. As categorias

conduziram a apresentação dos resultados que foram discutidos de forma a dialogar com as literaturas da área da saúde e gerontologia, sob a perspectiva construcionista social.

Resultados e Discussão

Sentidos do envelhecimento

No início das entrevistas os participantes foram indagados sobre como estavam vivendo a atual fase de suas vidas. Este questionamento serviu como uma forma de aquecimento para as questões subsequentes e foi útil para que relatassem as experiências que antecederam a busca pela UATI.

Por meio dos relatos foi possível identificar as produções de sentido sobre o envelhecimento, envolvendo perdas e ganhos quanto aos aspectos biológicos, emocionais e sociais. Como se nota no depoimento de Rosa:

Olha, pra eu aceitar a idade e aceitar o que eu posso e o que eu não posso, como posso dizer, estou meio ruim da cabeça assim, aceitar, porque eu antes, tudo que eu fazia antes eu não posso fazer, então é a limitação, eu tenho limitação hoje, e isso me deixou muito ... me deixou doente. (Rosa, 74 anos)

Rosa explicitou seu sofrimento ao se deparar com suas limitações físicas, atribuindo o sentido de perda ao seu processo de envelhecer. O uso do repertório “me deixou doente” expressa o quanto afastar-se de um padrão social que preza pela autonomia e independência pode levar ao sofrimento e perda de autoestima quando as pessoas identificam que já não possuem a mesma vitalidade de antes.

Outro exemplo que ilustra o sentido de perda frente as vivências familiares pode ser destacado na fala de Tulipa:

Quando faleceu meu marido, fiquei com meus dois filhos, um menino e uma menina, daqui a pouco o menino casou e depois a menina casou, aí fiquei sozinha de vez, então esse choque de ninho vazio foi muito difícil sabe (...) no início foi muito difícil, muito difícil, eu tive depressão, tive que me tratar com psiquiatra, *mas hoje estou melhor* (Tulipa, 65 anos).

Neste exemplo, Tulipa expressa o sentido de perda diante de seu envelhecer pelo fim de sua função familiar, uma vez que o marido faleceu e os filhos saíram de casa. Ao reproduzir a expectativa de desempenho de um papel social e familiar, muitas mulheres se deparam com a mesma perda de sentido quando após décadas de dedicação à família, percebem que isto já não é mais o ponto central de suas vidas. O repertório utilizado por Tulipa ilustra bem “*esse choque de ninho vazio*” sofrido por ela. Interessante notar que

Tulipa utiliza do termo “ninho vazio”, conceito desenvolvido pelas ciências humanas para se referir às dificuldades encontradas nessa fase e justificar sua condição emocional, denotando os processos linguísticos sociais para a construção da realidade.

A experiência de Tulipa encontra respaldo na literatura como descrito por Moura e Souza (2012), quando afirmam que o esvaziamento da rede social sucedido pela saída dos filhos de casa e viuvez podem ser motivos de distanciamento e solidão nos idosos, o que exige uma reconstrução da autoimagem e busca por socialização. As pesquisadoras Freitas, Queiroz e Sousa (2010), no mesmo sentido das narrativas de Rosa e Tulipa, apontam que a maioria dos idosos teme a velhice pela possibilidade de tornarem-se dependentes pela doença, por não conseguirem exercer mais suas atividades cotidianas, e ainda pelas perdas significativas, como a viuvez, a morte de amigos e parentes, ausência de papéis sociais valorizados e dificuldades financeiras, o que pode contribuir para o surgimento das situações de crise.

Outro motivo que pareceu incomodar os participantes foi o estigma da sociedade em relação aos velhos, como descrito na narrativa de Violeta:

A parte ruim é que a gente tá ficando velho mesmo né (risos) e que tem bastante discriminação sabe, ‘aí a velha’, coisas assim que no meu tempo a gente nunca falou porque minha mãe sempre falava ‘não é velho, é senhor ou senhora’, e agora as pessoas falam ‘ah, aquela velha chata, aquele velho chato’, assim um palavreado bem vulgar, entende, porque independente da idade, é um senhor ou uma senhora. A gente sabe que a gente tem idade, mas falar velho, assim, aquilo choca, e se eu não me olhar no espelho eu não me sinto velha (Violeta, 66 anos).

Violeta, ao relatar sobre a discriminação sentida, traz em seu depoimento a voz de sua mãe, de um tempo vivido, no qual as pessoas mais velhas eram tratadas com respeito, construindo o sentido de perda desse lugar na sociedade atual. Como afirmam Spink e Medrado (2004), as vozes presentes nos enunciados permitem identificar as regularidades presentes nos discursos institucionalizados e a polissemia dos repertórios utilizados, denotando o posicionamento de quem fala e a produção de sentidos. Na narrativa de Violeta, é possível identificar a presença de um discurso socialmente institucionalizado, que valoriza o respeito aos mais velhos, mas por outro lado, o enunciado também explicita o seu desconforto diante do fato de se posicionar como uma pessoa idosa e reconhecer que o idoso nem sempre é bem tratado socialmente. A escolha dos repertórios demonstra esse choque de realidades que a participante vinha enfrentando.

Constatou-se ainda, na narrativa de alguns idosos, uma dificuldade em administrar os recursos financeiros devido aos baixos valores das aposentadorias, dificultando suprir

todas as despesas. Algumas vezes, os idosos também eram solicitados a dar apoio no sustento ou cuidado de filhos e/ou netos. Essa situação pôde ser identificada na fala de Rosa:

(...) e também o financeiro que tá me incomodando bastante, essa é a parte ruim, o financeiro (...) porque se eu fosse trabalhar, eu pensei em trabalhar, e daí minhas filhas não querem que eu vá trabalhar (...) e elas também precisam de mim, quando elas precisam quem é que vai fazer, a outra também tá doente, então eu penso nelas (Rosa, 74 anos).

Dentro desse contexto, foi possível perceber que apesar de a sociedade criar novos termos como “terceira idade” ou “melhor idade”, para enfatizar os aspectos positivos desta fase, como apontado por Silva (2008), os participantes evidenciaram que esse não é o único sentido dado ao envelhecer. Pelo contrário, deram ênfase às perdas, a solidão e principalmente com o preconceito dessa mesma sociedade. A utilização desses termos para se referir à velhice na atualidade tende a encobrir as dificuldades que possam advir do processo de envelhecimento. Se por um lado se pretende que as pessoas nesta faixa etária percebam que podem viver satisfatoriamente, também pode levar ao sofrimento aqueles que não se percebem encaixados no perfil de idoso ativo e satisfeito com a vida.

Por outro lado, os relatos também demonstraram outros sentidos, como de um período em que se tem mais liberdade para usufruir o tempo, como descritos nos relatos de Azaléa: “O que mudou é que eu fiquei cada vez mais perto do meu marido, ele fica em casa, tudo que a gente faz a gente faz junto, isso é muito bom”. E também na exposição de Margarida: “(...) ai, eu me sinto tão livre, tão livre (risos) que eu posso sair a qualquer hora, qualquer lugar (risos)”.

As narrativas levam ao entendimento de que apesar das readaptações, o preenchimento do tempo livre de forma que traga satisfação pessoal é um ganho possível no envelhecimento. Esses dados vão ao encontro da conclusão do estudo de Dátilo e Marin (2015), ao afirmarem que a possibilidade de viver sem tantas obrigações, de maneira que o tempo livre possa ser vivido naquilo que dá prazer é próprio do processo de envelhecimento. Por outro lado, Moura e Souza (2012) fazem um contraponto, ao colocarem que embora o direito ao tempo livre na aposentadoria tenha sido conquistado, nenhum tempo poderá estar completamente livre das normas sociais. Os idosos vivem seu tempo disponível de acordo com suas possibilidades pessoais, familiares e sociais, e por esse motivo, algumas vezes não desfrutam de seu merecido tempo, pois ou continuam exercendo alguma atividade remunerada, ou passam a dedicar-se tão somente aos filhos,

netos e outros familiares.

Na balança entre perdas e ganhos, a maturidade alcançada com a idade pode ser percebida como um ganho, como apontado no discurso de Gérbera:

Fiquei mais determinada, mais segura, coisas boas, assim positivas, como eu gostaria de voltar atrás com a cabeça que tenho assim (...) nesse sentido assim, de sentimento, eu achei tudo melhor (...) a maneira de ver as coisas também, que acontece com a velhice, maturidade né, é isso aí. (Gérbera, 62 anos)

É possível notar também no relato de Cravo: “Ah bem melhor do que antes, porque agora eu tenho mais experiência, então eu já sei pensar muito mais do que antes. Antes a gente fazia as coisas e depois pensava e agora eu penso antes de fazer”. Nessas narrativas, os participantes ressaltam que o passar dos anos trouxe amadurecimento e segurança, que podem fortalecer o sentido de autoestima e autonomia de quem envelhece. Estes dados corroboram a afirmação de Schneider e Irigaray (2008) que durante o processo de envelhecimento algumas capacidades cognitivas como a agilidade de aprendizado e a memória podem diminuir, porém elas podem ser compensadas pela sabedoria, conhecimento e experiência.

Motivos da procura pelo projeto

Dentre os motivos para a procura da UATI foram relatados: necessidade de interação com pessoas diferentes, busca de novos aprendizados, ocupar o tempo livre, obter o reconhecimento da família e dedicar tempo a si próprio.

A busca por interagir com outras pessoas pode ser percebida na fala de Gérbera: Justamente por essa necessidade de conversar, de trocar ideia, não ficar só lendo, essa coisa toda de aprender com os outros, trocar ideia, isso de calor humano, essa integração assim, por isso que a gente procura (...) senão fico em casa, só fico vendo filme, mas tudo sozinha né, a gente vai se acostumando com aquilo e isso é ruim, né (Gérbera, 62 anos).

De acordo com Abramowicz (2001), a interação social entre os idosos em grupos permite aos membros ampliar habilidades como o autoconhecimento, autocompreensão, autoexpressão e a possibilidade contínua de aprendizagem, o que deve ser estimulado para o desenvolvimento em todas as idades. Na velhice, em especial, quando a rede de convívio familiar e social tende a diminuir, como foi ilustrado na primeira categoria, iniciativas como este projeto suprem a necessidade de manter laços sociais e evitar o

isolamento.

O interesse em aprender mais e ocupar o tempo livre, como uma via para viver melhor a velhice pode ser destacado nos repertórios escolhidos por Girassol:

“É a vontade de ter novos conhecimentos, não ficar parada, a mente não ficar parada para ter uma condição, uma velhice melhor, né, que eu possa aproveitar com saúde e que eu tenha disposição pra fazer as coisas”.

Violeta relata que o principal motivo pela procura era satisfazer a vontade da mãe em ter um filho com diploma, já que ao final deste projeto os alunos recebem um certificado de conclusão. O que pode ser destacado na fala:

Sabe, depois que eu me aposentei e daí eu comecei a fazer esta faculdade mais porque, assim, minha mãe tem 3 filhos e nenhum tem uma diplominha, então pensei ‘vou fazer esta faculdade e no dia que eu pegar o diploma eu vou levar pra ela’, só que não deu tempo, mas eu falei pra ela, que eu tava fazendo uma faculdade aberta pra terceira idade. Nossa ela ficou muito feliz, só que não deu tempo de dar o diploma, ela morreu antes disso. (Violeta, 66 anos)

Violeta expressa o valor que dá aos estudos e sua vontade de realizar o sonho de cursar uma universidade trazendo a voz de sua mãe, retratando suas experiências no curso de sua história pessoal, o tempo vivido, nível que ocorre a aprendizagem das linguagens sociais (Spink & Medrado, 2004). Esta possibilidade de realizar antigos sonhos e projetos de vida adiados também foi descrita por Urbano e Yuni (2015) ao colocarem que os idosos dão sentido a sua participação nas UATI, como uma oportunidade de complementar aquilo que ficou faltando em sua vida, elaborando uma autoimagem mais positiva com relação a suas capacidades e sentimentos de autoeficácia.

Um outro motivo destacado por Rosa para buscar o programa foi a necessidade de buscar novas perspectivas e ter um tempo para dedicar a si própria, como descrito a seguir:

Abrir um horizonte diferente né, eu já estou pensando diferente, deixei daquelas coisas assim de depressão. Porque ficar em casa, né, você tem coisas para fazer, você ajuda, eu até pouco tempo tava cuidando de uma tia que tava doente. Mas agora eu tô tirando um tempo para mim e isso eu tô gostando, foi muito bom! (Rosa, 74 anos).

A atitude da participante demonstra, por meio do repertório utilizado “busca de um horizonte diferente”, a possibilidade de construir novos modos de vida e relacionamentos. Neste exemplo, há uma mudança de posicionamento no sentido de ser cuidadora do outro para o cuidar de si mesma e assim, superar a depressão e se permitir

novos pensamentos e sentimentos.

Expectativas em relação ao projeto

Entre as expectativas em relação ao projeto, aprender sobre variados temas relacionados à maturidade foi mencionada:

Eu fui e perguntei pras meninas o que era, aí elas disseram ‘tem palestras sobre queda da pessoa idosa dentro de casa, sobre medicamento, sobre alimentação, sobre várias coisas’, então tudo isso me interessou, todos esses itens assim destinados a terceira idade, que talvez eu não tivesse outro lugar pra fazer, pra ouvir todas essas coisas, achei bem interessante. Aprender mais sobre coisas, assuntos da maturidade (Tulipa, 65 anos).

Outra expectativa relatada foi que no projeto, apesar de ser em uma universidade, não haveria a obrigatoriedade de fazer avaliações e os conteúdos seriam diversificados.

Como pode ser destacado no discurso de Gérbera:

“Por ser de vários assuntos, entendeu, e não ter aquele negócio de fazer prova, entendeu? A diversificação, falar sobre saúde, sobre alimentação, sobre como se diz assim é, filosofia, um monte de coisas assim” (Gérbera, 62 anos).

Os passeios e viagens enquanto formas de entretenimento, também foram apontados como fator de grande expectativa para os idosos, já que esses possibilitam uma maior interação entre os participantes. Pode-se perceber na fala de Orquídea: *“Olha minha expectativa inicial era não ter tanto conteúdo, achei que eles iam fazer assim mais passeios, atividades assim, sabe?”*

Já para alguns idosos, havia a perspectiva de conhecer novas pessoas e ter um convívio com elas, como se pode notar na fala de Girassol: *“O que eu esperava era isso mesmo né, o convívio com outras pessoas da mesma faixa etária da gente e as palestras.”*

Foi possível observar que os participantes possuíam expectativas diferentes ao iniciar o programa, porém relacionadas aos motivos da procura apresentados na categoria anterior. Um aspecto relevante nas narrativas foi à expectativa de que fosse oferecido algo diferente do ensino tradicional, que geralmente prima pela transmissão de conteúdo e avaliação. Dessa forma, as expectativas dos participantes apontam para a necessidade de criar métodos apropriados e criativos na forma de associar o processo de aprendizagem com momentos de entretenimento, interação e ressignificação de experiências de vida. Para Lirio-Castro e Morales-Calvo (2012) os idosos querem aprender algo que seja útil, funcional e que possa ser utilizado em sua vida social e pessoal, longe das metas de conseguir títulos vinculados ao trabalho.

Considerações Finais

Esta pesquisa procurou conhecer os sentidos do envelhecimento e os motivos da procura por um projeto universitário aberto a idosos. Estes objetivos foram estabelecidos por se considerar que os dados podem ser úteis na estruturação das UATI a fim de que a programação oferecida contemple as expectativas dos idosos participantes.

As UATI são importantes conquistas sociais para os idosos e que têm a potencialidade de promover espaços e atividades que problematizem as construções sociais acerca do envelhecimento e da velhice. Sendo assim, há a necessidade de se pensar continuamente no que se oferece para que de fato propiciem o protagonismo e a participação da pessoa idosa e isto só se torna possível reconhecendo as suas necessidades e opiniões como centrais em todo o processo de construção da atividade.

Os sentidos do envelhecimento abrangeram o lidar com perdas físicas e de entes queridos, solidão, depressão, preconceitos etários e finanças diminuídas. Por outro lado, também como de dedicação à família e aos amigos, de desfrutar o tempo livre e possuir maior maturidade. Esses diferentes posicionamentos diante do envelhecimento, levou os participantes dessa pesquisa a buscarem a UATI pelo entendimento da necessidade de interação com outras pessoas da mesma faixa etária, de atualizar seus conhecimentos, de ocupar o tempo livre, de realizar sonho que antes não foi possível e de cuidar de si próprios. Começaram a frequentar a atividade com a expectativa de poder aprender mais sobre a maturidade e atualizar-se, que não fosse necessário submeter-se a processos de avaliação formal como é comum no ensino regular, de se envolver em atividades interessantes e de fazer novos amigos.

A partir dos dados desta pesquisa considera-se relevante que além de contemplar os aspectos supramencionados, no sentido de alcançar as expectativas dos participantes, é de suma importância que as atividades contemplem meios de desnaturalizar mitos e preconceitos sobre o envelhecimento. Isso envolve o trabalho necessário de reflexão que possibilita a desconstrução de conceitos que se transformaram em crenças, quando geradoras de sofrimento, marginalização e/ou isolamento (Spink & Medrado, 2004), como muitos dos sentidos sobre o envelhecimento apresentados pelos participantes. Ao se possibilitar essa reflexão, se possibilita concomitantemente a reconstrução de novos sentidos para o envelhecimento, contemplando a participação dos idosos na sociedade de acordo com suas necessidades, capacidades e desejos.

Como esta pesquisa não abordou as metodologias utilizadas durante o projeto, sugere-se que novas pesquisas sejam orientadas a avaliar, tanto na perspectiva de idosos quanto dos coordenadores e colaboradores, as diferentes propostas metodológicas e seus alcances.

Referências

- Abramowicz, M. (2001). Tempo de ser: envelhecimento e a trama das interações sociais em um grupo de voluntárias. In V. Kachar (Org). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Brasil (2012). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de saúde. *Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012*. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União.
- Bruine de Bruin, W., Parker, A. M., & Strough, J. (2016). Choosing to be happy? Age differences in “maximizing” decision strategies and experienced emotional well-being. *Psychology and Aging*, 31(3): 295-300.
- Dátilo, G.M.P.A., & Marin, M.J.S. (2015). O envelhecimento na percepção de idosos que frequentam uma universidade aberta da terceira idade. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 20(2), 597-609.
- Ergin, I., & Mandiracioglu, A. (2015). Demographic and socioeconomic inequalities for self-rated health and happiness in elderly: the situation for Turkey regarding World Values Survey between 1990 and 2013. *Arch Gerontol Geriatr*; 61(2): 224-30.
- Freitas, M.C., Queiroz, T.A., & Sousa, J.A.V. (2010). O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 2(44), 407-412. DOI: 10.1590/S0080-62342010000200024
- Gergen, K. (2017). Construção social e comunicação terapêutica. In M.A. Grandesso (org.). *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas* (pp. 107- 142). Curitiba, PR: CRV.
- Gergen, K.J., & Gergen, M. (2010). *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Janini, J. P., Vargas, A.B., & Bessler, D. (2015). Educação em saúde e promoção da saúde: impacto na qualidade de vida do idoso. *Saúde em Debate*, 39(105): 480-490.

- Lirio-Castro, J., & Morales-Calvo, S. (2012). El reto de la formación del profesorado para una enseñanza de calidad en las universidades de mayores en Pedagogía Social. *Revista 101 Interuniversitaria*, 19,155-166.
- Montovani, E.P., Lucca, S.R., & Neri, A.L. (2016). Associações entre significados de velhice e bem-estar subjetivo indicado por satisfação em idosos. *Rev. Bras. Ger. Geront.*, 19(2): 203-222. DOI: 10.1590/1809-98232016019.150041
- Moura, G.A., Souza, L.K., (2012). Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. *Revista Textos & Contextos*, 11(1), 172 – 183.
- Nascimento, M., Juchem, L., & Maduro, L. (2016). Programa Vida Ativa: esporte e lazer, promoção da saúde e qualidade de vida do idoso, em Petrolina-PE e Juazeiro-BA. *Rev. Bras. Ativ. Fis. Saúde*, 21(6): 593-599.
- Oliveira, R.C.S., Scortegagna, P.A., & Oliveira, F.S. (2015). Extensão universitária: perspectivas e ações para a terceira idade. In R. C. S. Oliveira & P.A. Scortegagna (Org). *Universidade Aberta para a terceira idade: o idoso como protagonista na extensão universitária*. (pp. 21-38). Ponta Grossa: Editora UEPG.
- Schneider, R.H., & Irigaray, T.Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25(4): 585-593.
- Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 15(1): 155-168.
- Spink, M. J. & Medrado, B. (2004). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In M. J. Spink (Org.), *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas* (pp.41-61). São Paulo: Cortez.
- Urbano, C.A., & Yuni, J.A. (2015). Aprender para um envejecimiento activo: retos para las prácticas educativas con personas mayores. In E.P. Martínez, E.A.Fernández, & J.L.Castro (org.) *Gerontología Social y Envejecimiento Activo*. Madrid: Service Point.